

CONHECIMENTO

Lições fortalecem e garantem sobrevivência do povo uaimiri-atroari

APÓS VÁRIOS MASSACRES, A POPULAÇÃO QUE RESTOU DOS UAIMIRIS-ATROARIS, 823 ÍNDIOS, TEM NA EDUCAÇÃO O ALICERCE PARA A VIDA, A GARANTIA DE QUE ELES NÃO SERÃO MAIS ENGANADOS

ANA CÉLIA OSSAME E LÚCIA CARLA GAMA

RESIDENTE FIGUEIREDO, AM - Na fronteira dos Estados do Amazonas e de Roraima, os índios uaimiri-atroari cantam e dançam como num tempo experimentado por seus antepassados, há mais de um século. Vivendo num território privilegiado por riquezas naturais, alvo de invasões, eles passaram por sucessivos massacres. E de um total de cerca de seis mil, no século 19, ficaram em 350, em 1974. O sangue derramado ao longo das aldeias fez brotar um sentimento forte, que tem na educação o maior alicerce.



EM PREPARAÇÃO Renato Maika ainda é estudante, mas brevemente será professor junto com outros 28 existentes na aldeia

ANÁLISE

"ESCOLA INDÍGENA PARA SER BOA TEM QUE SER INDÍGENA. DEVE ENSINAR A LÍNGUA DELES E A PORTUGUESA. ENSINAR AGRONOMIA, AGRICULTURA, DE ACORDO COM A NECESSIDADE LOCAL", MÂRCIO SILVA, antropólogo

Diferença faz sucesso do ensino

A educação indígena na Amazônia é vanguarda para o Brasil. Nesta região, alguns povos já se apropriaram da escola feita para colonizá-los e destruí-los, transformando-a num instrumento a favor deles. A análise é do antropólogo Márcio Silva, 45, da Universidade de São Paulo (USP), professor visitante do curso de mestrado da Universidade do Amazonas (UA) e há dez anos assessor do movimento de educação indígena no Amazonas.

Escola dá liberdade a alunos

Uma escola sem portas, horários, pagelas para registrar presença e sem reprovação no final do período. Uma escola livre, para um povo que está aprendendo a viver em liberdade. Assim é a escola uaimiri, diz o coordenador de educação uaimiri-atroari, Marcelo Ewepe, sem esconder a vaidade pela capacidade de falar a língua nativa com os pais. A língua é o primeiro aprendizado e através da escrita registram em livros o orgulho pela valorização da cultura e das tradições. "Nós falamos a língua dos kaminiã (homem branco) para comunicar as nossas idéias e projetos, mas eles não dominam nada aqui. A escola é nossa, feita por nós, do nosso jeito, no nosso tempo", diz Marcelo. Embora usem livros, cadernos e lápis dos brancos, eles definem o conteúdo do ensino e do modelo de funcionamento da escola. Nela não há regras ou limitações. "Se passar uma caça nas proximidades da escola, os alunos deixam os livros e vão pegar o animal", conta ele. Há um ano trabalhando com educação uaimiri, a bióloga Maria Cláudia Cruz, 27,

SEM REGRAS IMPOSTAS



VALORIZAÇÃO Coordenador Marcelo Ewepe se orgulha de falar língua nativa

destaca que a escola é contextualizada com a realidade. No roçado, eles aprendem a medir e a contar as plantas. Para aprender a geografia das matas, não ficam com a cabeça enfiada em livros. Vão para a floresta, num aprendizado que é contínuo e tem a participação dos mais velhos. "SOMOS VENCEDORES" Sem aparelhos de televisão ou rádio, exceto para se comunicar entre si ou assistir filmes feitos por eles próprios, contando as lutas travadas ao longo deste século, os uaimiris trocaram a condição de massacrados pelo sentimento de dignidade pessoal e altivez. Isso foi resultado do processo de educação implantado nas aldeias há 11 anos, conta Marcelo Ewepe. Se as crianças são o maior sinal

Experiência de roçado é passada adiante



NA SALA DE AULA Ainda crianças, uaimiris aprendem técnicas de plantio

Na aldeia Xeri, localizada no quilômetro 280 da BR-174, já no Estado de Roraima, estão reunidos, desde o mês passado, moradores de duas outras aldeias para fazer o roçado de mandioca, cará e batata por um tempo indeterminado. Nela, vive o cacique Mário Paruwé, cuja experiência e conhecimento trazem orgulho aos uaimiris. Mário sabe que os uaimiris só conseguem viver em segurança nos 2.585.611 hectares demarcados em 1987 porque a vigilância é permanente, com caminhonetes circulando com índios e não-índios contratados, além de observadores índios. Sobreveniente dos últimos conflitos, o cacique diz não poder vacilar. Tanto que crianças e mulheres aprendem a manejar o arco e a flexa.

Contatos amistosos em 1870

Os uaimiris-atroaris são uma etnia do tronco linguístico karib, cujo território imemorial de ocupação está localizado nas atuais Regiões Sul do Estado de Roraima e Norte do Amazonas. Eram mais conhecidos como Crichanas, quando segmentos expansionistas da sociedade brasileira travaram seus primeiros contatos com eles, sobretudo a partir do século 19. No início desses contatos houve duas estimativas populacionais: uma que os dava como sendo seis mil pessoas; e outra em torno de duas mil. Aldeias inteiras foram dizimadas por expedições militares ou por matadores profissionais porque sua população era tida como empecilho à livre exploração das riquezas naturais existentes nas terras que ocupavam. Só por volta de 1870 que o primeiro contato amistoso foi mantido com eles, por intermédio do etnógrafo e botânico João Barbosa Rodrigues. Na década de 1960 foram iniciados, por parte da Fundação Nacional do Índio (Funai), os trabalhos da Frente de Atração e Contato dos uaimiris-atroaris, desencadeando um processo de contato tão irreversível quanto vertiginoso. A intensificação do contato da sociedade nacional com os índios, naquela época, lhes rendeu consequências dramáticas em termos de

ÍNDIOS PRESERVAM A CULTURA DOS ANTEPASSADOS



VONTADE DE APRENDER Índia Mariana Kadryr, atrás da colega Nádia Bytyka, vai à vontade para os aulas, com pouquíssima roupa; ela é uma das alunas da escola que fica na aldeia Xeri, no Estado de Roraima



DESDE PEQUENO Índio aprende a falar idioma dos kaminiã (homem branco)

população, provocadas por choques armados e surtos epidêmicos de doenças, a ponto de pessoas em condições de produtividade não poderem mais caçar, pescar, nem cultivar roças. Isso acabou remetendo a um grave estado de inanição e desagregação social em várias aldeias.

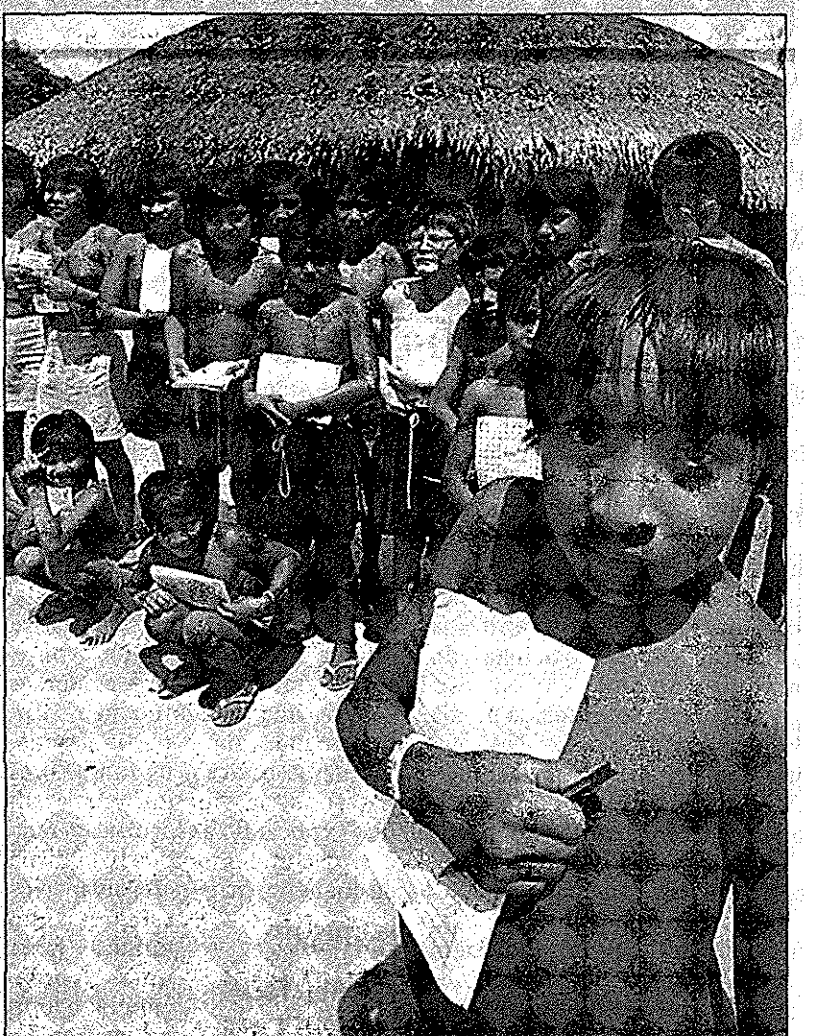
Sociólogo prevê extinção e erra

A existência de escolas nas aldeias derrubou a previsão sinistra, feita em 1996 pelo sociólogo Hélio Jaguaribe, de que até o ano 2000 todas as nações indígenas estariam extintas. A conclusão é de pedagoga e professora da UA, Rosa Helena Dias, 41, autora da tese de doutorado "A autonomia como valor e a articulação de possibilidades", na qual avalia o movimento de professores indígenas em dez anos de existência. "Através da escola, os índios aprenderam a reafirmar-se enquanto cidadãos de direitos", completa. Para ela, a troca do modelo de educação imposto pelo homem branco por um sistema de ensino contextualizado com a realidade das aldeias foi a receita para o sucesso das escolas indígenas na

RESGATE

Programa fortalece aldeias

O Programa Waimiri-atroari (PWA), implantado em 1988, representou o resgate daquele povo. Criado a partir das ações que visaram minimizar os efeitos provocados pela construção da hidrelétrica de Balbina, garantiu à comunidade a prestação de serviços de infra-estrutura necessários para fornecer assistência direta às aldeias. O PWA tem ações múltiplas nas áreas de administração, saúde, educação, meio ambiente, apoio à produção, documentação e memória. De acordo com o gerente do PWA, Márcio Cavalcante, quando este foi criado pretendia que os uaimiris-atroaris pudessem preservar a autonomia cultural de seu povo a partir de uma inserção social em bases equilibradas no contexto da sociedade nacional, o que, segundo ele, não ocorre com a maioria dos povos indígenas no Brasil. Hoje, 11 anos depois da implantação do PWA, Márcio avalia que os uaimiris-atroaris têm condições de vida melhores, tanto se comparadas com as demais etnias existentes no Brasil quanto com a população não-índia dos interiores da Amazônia. A comunidade indígena recebe atendimento médico primário com garante cobertura vacinal de 100%, possui serviço de vigilância epidemiológica no entorno de toda a sua terra e controle de doenças que podem ser prevenidas. PROTEÇÃO AMBIENTAL Na área uaimiri-atroari não há ocupações indevidas por não-índios, sejam eles garimpeiros, madeiros, caçadores ou pescadores. Na época da pavimentação da BR-174, em 1997, a comunidade indígena elaborou um Plano de Proteção Ambiental e Vigilância Territorial. "O plano visava minimizar os impactos socioambientais que vieriam em função do aumento do fluxo de veículos, assim como do



SERVÍCIOS Comunidades receberam infra-estrutura como o chegada de escolas

conjunto de fatores ligados ao relacionamento ostensivo entre a população indígena e as pessoas não-índias, em trânsito constante pela região e cujo número aumentaria por causa da pavimentação", disse o gerente do PWA. Os uaimiris têm alimentação farta. As roças são cultivadas seguindo critérios tradicionais de manejo ecológico do solo e possuem variadas espécies agrícolas e frutos frutíferos tradicionais. De acordo com Márcio, as áreas de cultivo podem chegar a até seis hectares, variando pelo número de habitantes por aldeia. "Com a assessoria de técnicos, os uaimiris-atroaris, estão introduzindo algumas espécies novas através de módulos de observação, que vão servir de crivo para testar a viabilidade do ecossistema regional e adaptação ao modo de vida da comunidade indígena", disse Márcio. Para o suprimento da proteína animal, eles diversificam e ampliam a criação de quelônios, patos, galinhas, ovelhas, carneiros e antas, além de um rebanho, composto atualmente por cem cabeças de gado. Desenvolvem, também, projeto de piscicultura, mantendo um reservatório onde criam peixes de sua preferência alimentar como o tambaqui, o matrinxã e o curimatã. FESTA Márcio afirma que, seja pela exploração dos recursos naturais da terra, pelo incremento de projetos de manejo nativo ou pela tecnologia da qual se apropriou, os uaimiris-atroaris apresentam um ótimo quadro nutricional, que é bem ilustrado pelo fenômeno do Maryba, uma festa-ritual que cada aldeia promove convidando as outras a participarem. "A abundância de alimentos é uma das condições prioritárias para a realização do Maryba. Principalmente porque os anfitriões trabalham com a possibilidade de os convidados ficarem entre eles por um tempo que pode variar de três dias a uma semana", disse.



RAÇA GARANTIDA Ensino preservou cultura e povo

Amazônia. "A dinâmica escolar deixou de ser para eles para transformar-se em deles, feita por eles", afirma. Criou-se, assim, uma escola diferenciada e diversificada, que usa os livros e cadernos produzidos pelos "brancos", mas define o conteúdo e a melhor maneira de usá-los. "Os índios são totalidades sociais, parte da sociedade brasileira, mas vivem como povos cuja cultura é independente e isso precisa ser respeitado", ensina a pedagoga, para quem a exigência de um novo modelo de escola é o sinal de que a resistência à prática secular de imposição dos "brancos" continua forte.